

FOLKCOMUNICAÇÃO E AS FESTAS POPULARES NA VIRTUALIDADE¹³⁵Francinete Louseiro de Almeida¹³⁶Jadna Prado Ramos Marinho¹³⁷Juliana Karen Sousa Leitão¹³⁸

RESUMO: O artigo se propõe a discutir os espaços (CERTEAU) onde acontecem a festa do São João do Maranhão, em específico na capital São Luís, e os novos lugares (AUGÉ) dessa festa considerando o período de pandemia da COVID 19. Primeiro apresentamos os espaços tradicionais, trazendo um olhar histórico sobre a festa. Em seguida articulamos conceitos de lugar, não-lugar e lugar virtual contextualizando a situação em que vivemos. Finalmente apresentamos o resultado de uma pesquisa feita no ano passado quando vivenciamos o primeiro São João de forma virtual no estado do Maranhão. O artigo tem como base a pesquisa bibliográfica e uma abordagem quali-quantitativa na elaboração de questionários. É resultado do projeto de pesquisa: O MAPA DA MINA: Mapas e territórios que dão origem às festas populares na ilha magnética

Palavras-chave: Comunicação; Folkcomunicação; Festas; Lugares; Não-Lugares

1 Introdução

Existe uma música de um grupo do nosso folclórico que diz assim: “quando chega o mês de maio eu começo a me animar, eu vou formar minha trincheira e sacudir meu maracá”. Esse é o prenúncio de nossa festa. Tá chegando o mês de junho e com ele, todos os sotaques, todas as magias e encantarias que envolvem o São João do Maranhão. É a festa esperada!!! É o momento de levantar os arraiais e queimar as fogueiras, de experimentar as guloseimas e de dançar na animação do nosso folclore.

Em março de 2020, o estado do Maranhão, assim como todo o mundo, teve que parar e se adaptar a conviver com um vírus, que de forma avassaladora, ceifa vidas sem pena e sem perdão. Nesse ano, o carnaval ainda aconteceu por todo o estado, mas a partir das providências tomadas com relação ao distanciamento social, muitas pessoas perguntaram numa única voz: E o São João? Como celebraremos nossa festa popular que contagia e anima a vida dos maranhenses e daqueles que nos visitam?

¹³⁵ Trabalho apresentado ao Trabalho apresentado no GT 2 - Expressões da Folkcomunicação na cultura popular - da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

¹³⁶ Professora Adjunta II do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão e Coordenadora do Projeto PIBIC O MAPA DA MINA: Mapas e territórios que dão origem às festas populares na ilha magnética. Pesquisadora do Diversus – Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação. Email: Francinete.louseiro@ufma.br

¹³⁷ Graduanda em Comunicação Social – Relações Públicas. Bolsista PIBIC – Voluntária e Pesquisadora do Diversus – Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação. Email: jadna.prado@discente.ufma.br

¹³⁸ Graduanda em Comunicação Social – Relações Públicas. Bolsista PIBIC – Voluntária e Pesquisadora do Diversus – Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação. Email: juliana.karen@discente.ufma.br

Seguindo as adaptações pela sobrevivência da população, o São João do Maranhão se apresenta agora de forma virtual. Grupos folclóricos, o poder público e a iniciativa privada, se organizam para que a festa aconteça de forma virtual. São lives em redes sociais, programas de rádio e TV e pequenas apresentações em lugares reservados, para que a população possa sentir vibrar o coração com as toadas e a alegria da festa.

2 Folkcomunicação e Festas Populares

Comunicar é produzir sentido sobre algo. Mesmo sem ter um completo domínio do que corresponda essa afirmação, as classes populares desenvolveram suas formas de expressões artísticas com conteúdos que possuíam mensagens importantes sobre suas vidas e suas histórias. Naquilo que antes era percebido somente como uma forma de entretenimento, agora se identificam os pensamentos, as ideias e as reivindicações de uma população que encontrou, nesse meio popular, uma forma de expressão, “pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo” (BELTRÃO, 2014, p. 206/207). Surge a Folkcomunicação, teoria de campo interdisciplinar que busca compreender os procedimentos comunicacionais que existem nas manifestações populares e podem se apresentar de várias formas e em várias linguagens. Seja nas publicações anuais, os almanaques, que traziam contos, informações gerais, anedotas, conselhos sobre higiene, alimentação, beleza e etiqueta, ou seja na literatura oral conforme nos lembra Beltrão:

As classes populares têm, assim, meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender. Tais meios são, ainda, em grande parte aqueles mesmos que lhes serviram na fase da Independência: - a literatura oral, com os cantadores, as estórias e anedotas, os romances cheios de moralidade e filosofia: o jornalismo ambulante dos caixeiros-viajantes, dos choferes de caminhão, dos frades e padres missionários ou dos vigários nas *desobrigas*, dos passadores de bicho de engenho a engenho enchendo as *poules* e conversando fiado, dos canoieiros do São Francisco, do Amazonas e seus afluentes; ou a literatura escrita, com os folhetos de romance ou de época, os boletins de propaganda eleitoral com os *credos* e paródias de orações católicas, os almanaques de produtos farmacêuticos, os calendários e as folhinhas, os livros de sortes, as publicações periódicas e avulsas impressas em prelos manuais; ou ainda, a linguagem simbólica e eloquente dos autos e entretenimentos, que se praticam nas festas religiosas e cívicas, no São João, no Natal, durante o tríduo de Momo ou nos aprontes de marchas dos blocos ou de sambas das escolas das favelas, nos *candomblés* e *xangôs*, na Semana Santa. E também pela *fala* expressiva das peças de artesanato, de escultura, de quadros, de móveis e utensílios rústicos (BELTRÃO, 2014, p. 112).

Em decorrência das mudanças que ocorreram no contexto social, desde que a teoria folk emergiu na pesquisa sobre a comunicação, é cada vez mais significativo o movimento de convergência entre o fluxo de comunicação interpessoal/grupal (incluindo-se aqui as

comunicações dos grupos folclóricos) e o fluxo massivo, num processo chamado de fluxo de *intermediação comunicativa*, (MELO, 2008). Ressaltamos que as festas populares, realizadas em vários estados do nosso país, ganham espaço e repercussão na mídia tradicional. Explica Melo (2008) que, se “vamos partir do pressuposto de que o *clima de festa* vigente no Brasil é em grande parte construído pelos meios de comunicação de massa, eles não apenas divulgam as festas populares, mas se convertem em seus principais fomentadores/formatadores” (MELO, 2008, p. 78). Essa intermediação deve-se a fatores de toda ordem, inclusas as razões da economia o que explica o fato de termos oficializado, hoje, em nosso país, calendários de festas que movimentam, durante todo o ano, vários setores da economia e interessam de perto, por razões óbvias, à mídia.

Nesse contexto, a começar pelo carnaval, a festa que inicia a rota de eventos no país, podemos percorrer o Brasil durante todo o ano, saindo em fevereiro ou março da Bahia (Nordeste), até chegarmos, em dezembro, a Gramado, uma cidade do sul do país, que tem, no Natal, uma festa tradicional. Inspira-nos Marques de Melo, quando questiona: “Como inventariar as festas brasileiras no limiar do século XXI? Como descrevê-las e interpretá-las enquanto processos comunicacionais?” (MELO, 2008, p. 78). O São João do Maranhão, é percebido como fomentador de processos comunicacionais onde são estabelecidas as relações sociais que são cultivadas, mantidas e valorizadas.

As festas populares configuram-se como iniciativas mobilizadoras das comunidades humanas, assumindo dimensões culturais, religiosas, políticas ou comerciais. No entanto, elas se caracterizam estruturalmente como processos comunicacionais, cujos conteúdos abrigam diferentes manifestações da sociedade, potencializadas ou apropriadas pela mídia (MELO, 2008, p. 76).

De origem francesa, as festas juninas se desenvolveram em Portugal com o objetivo de festejar o solstício de verão. Eram festas campesinas e rurais e reverenciavam a passagem de um ciclo produtivo para o outro. Com a proliferação do cristianismo e das atividades religiosas, as pessoas adquiriram o hábito de agradecer pelas boas colheitas. No Maranhão podemos destacar todas as dimensões da festa citada por Melo(2008) e de maneira única, em São Luís do Maranhão, quatro santos da igreja católica são reverenciados durante todo o mês de junho: dia 13, santo Antônio; dia 24, são João; dia 29, são Pedro e dia 30, são Marçal¹³⁹.

De forma geral, as manifestações culturais que se concentram no evento do *São João do Maranhão* costumam ocorrer em espaços denominados *arraiais* e, embora possam acontecer

¹³⁹ “Os registros da Igreja indicam que Marçal foi bispo de Limoges na França [...]” (REIS, 2003, p. 90).

“Em São Luís, mais precisamente, no bairro do João Paulo, está o reduto maior de São Marçal, onde ocorre anualmente, há 75 anos, o grande encontro de bois do sotaque de matraca ou da ilha, com a finalidade de homenagear no dia 30 de junho o último santo do período festivo”. (REIS, 2003, p. 91)

noutros lugares, incluindo os privados, é no arraial, enquanto espaço comunitário, que a festa junina de fato acontece: “Arraial – lugar onde se juntam romeiros, onde há tendas provisórias, barracas de comestíveis, de jogos e diversão, é ornamentado, com música, etc. Festa popular com barracas de comestíveis, jogos e diversões, etc.” (FERREIRA, 1993, p.39). A definição corresponde exatamente à compreensão que temos de arraial, com adequações aos modos da cultura maranhense. Nesses termos é que os arraiais maranhenses são espaços onde as brincadeiras se apresentam; jogos são montados, como pescarias, tiro ao alvo, jogo das argolas e outros, onde se encontram as comidas típicas do período junino.

A cultura do arraial enraizou-se nas festas juninas, clara manifestação do saudosismo rural, onde se parece lembrar a própria gênese da cidade, as barracas de palha e organização espacial do conjunto, em forma quadrangular, deixando um espaço circular ao meio corresponderiam às residências e à praça dos antigos povoados [...]. As festas juninas complexificaram-se, tornando-se uma manifestação onde é possível observar momentos específicos da própria formação do povo brasileiro, fortemente ligado à tradição rural, especialmente ao Nordeste (ARAÚJO, 2001, p. 45- 46).

Esse saudosismo do ambiente rural, que nos mostra a constituição do brasileiro, em especial, dos nordestinos, é transportado e reverenciado nas festas juninas do Maranhão. Não é, porém, uma simples remissão ao passado. É uma sinergia do passado com o presente numa sempre surpreendente (re) construção de símbolos e representações que dão origem ao nosso povo e nos realimenta. Olhar para os espaços ocupados pela festa nos faz questionar que espaços são esses e o quanto eles falam de todos nós. Portanto, importante se torna, conceituar e falar dos espaços da festa no Maranhão.

3 Espaços da Cultura Popular Maranhense

Começamos esta parte trazendo o que seria um espaço para a nossa pesquisa. Se estamos entendendo os espaços que a festa acontece, a partir das simbologias que ele representa, cabe-nos explicar de que ponto partimos para esse entendimento de espaço.

Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (CERTEAU, 1994, p. 202)

Nosso conceito de espaço parte justamente do que nos diz o autor, quando cita esse efeito que o circunstancia e o temporaliza. No momento em que são garantidas essas circunstâncias há determinados espaços e que se refletem numa *proximidade contratual*,

começamos a realizar um espaço, ou seja, como ainda afirma o autor, “*o espaço é um lugar praticado*”. (CERTEAU, 1994, p. 202). São nessas ordenações que reconhecemos a existência de espaços. Nessa explicação do que seria o espaço, Certeau (1994) traz o entendimento sobre os relatos de espaços, onde se caracterizam um *fazer* e um *ver*. O *fazer* estaria na instância do que seria um itinerário, já o *ver* está na instância de uma mapa.

A questão toca finalmente, na base dessas narrações cotidianas, a relação entre itinerário (uma série discursiva de operações) e o mapa (uma descrição redutora totalizante das observações), isto é, entre duas linguagens simbólicas e antropológicas do espaço. Dois polos da experiência. Parece que, da cultura ‘ordinária’ ao discurso científico, se passa de um para o outro. (CERTEAU, 1994, p. 204 e 205)

Ambos, o fazer e o ver, estão num campo da ação, do acontecimento, da atividade e do movimento. Por isso, esse é o espaço, o da execução e da realização. Olhando para a nossa pesquisa, procuramos não somente o ver o arraial, mas principalmente o fazer desse espaço. Nossa relação ritualística no São João, com relação ao espaço da festa, se localiza nesse sentido do fazer, desse itinerário que percorremos enquanto expectadores da festa e que nos possibilitam várias leituras e olhares discursivos sobre o espaço. “As relíquias verbais de que se compõem o relato, ligadas a histórias perdidas e a gestos opacos, são justapostas numa colagem em que suas relações não são pensadas e formam, por esse fato, um conjunto simbólico”. (CERTEAU, 1994, p. 188). Esse conjunto simbólico, ao ser ritualizado na festa, ele nos comunica. Estamos falando de espaços de camponeses, de trabalhadores rurais, que na celebração de seus desempenhos, festejavam a colheita. Estamos falando do espaço encantado do sobrenatural que une o profano com o sagrado e finalmente, estamos falando do espaço da tradição, da cooperação, do relacionamento e da reafirmação de uma cultura e de uma sociedade. São os nossos espaços,

De uma geografia preestabelecida, que se estende (se a gente se limita apenas a casa) desde os quatinhos, tão pequenos “que não se pode fazer nada neles” até ao legendário celeiro, desaparecido, “que serve para tudo”, os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço. (CERTEAU, 1994, p. 207)

Não importa aqui, que pensemos, como afirma o autor, em quatinhos ou em celeiros, em espaços produtivos ou não, o que nos importa e o fazer nesses, e desses espaços. Portanto, nessa feitura de espaços reconhecemos a atuação da festa, são os espaços desenvolvidos e determinados por uma cultura que se eterniza, se reafirma e se renova, pois, “Praticar espaço é portanto repetir a experiência jubilatória e silenciosa da infância. É, no lugar, ser outro e passar ao outro”. (CERTEAU, 1994, P. 191). A festa do São João é reiterada em vários momentos e

em várias histórias. O passar ao outro, como afirma o autor, nesses espaços praticados na festa, é um percurso que começa no estímulo de estar ali, de sentir os sabores típicos, de conhecer as histórias e as lendas que alicerçam nosso folclore e de se envolver nas batidas dos diversos ritmos que tocam e soam no período junino.

No Maranhão, esses espaços praticados acontecem em vários pontos do estado, seja na capital ou nas cidades do interior. “No nordeste sertanejo, o São João é comemorado nos sítios, nas paróquias, nos arraiais, nas casas e nas cidades”. (RANGEL, 2002, p. 24). Nos últimos anos inclusive, vemos na capital maranhense, a utilização de lugares como shoppings para a realização da festa, no entanto, cremos que esses espaços são atravessados por outras circunstâncias, que não aquelas citadas acima que identificam a festa. Por isso, os arraiais tradicionais da cidade são estabelecidos em lugares públicos, com outras histórias e seguindo o entendimento que fazemos de espaço nessa pesquisa. Além das praças, a cidade toda se enche de alegria, sendo tomada por um clima festivo. “A escola e o salão de baile, nas cidades, tem enfeites de papel e de plantas e uma fogueira simbólica, de papel de seda, com lâmpadas vermelhas substituindo o fogo vivo das luminárias tradicionais”. (CARNEIRO, 1982, p. 20)

Em nossas pesquisas bibliográficas, encontramos relatos saudosista de um São João da década de 70, como esse de dona Therezinha Jansen,

Os festejos eram mais animados, porque tínhamos mais tranquilidade, não tínhamos preocupação que hoje temos, a violência, assalto e todos estes tipo de coisa que gera uma intranquilidade na cabeça de cada um de nós que temos responsabilidade com o grupo seja ele qual for.

As festas eram em lugares variados, casas de pessoas amigas, no João Paulo na casa de José Cupertino onde todos os anos tínhamos que passar lá. Na época do comando de Laurentino, só havia esse grupo no bairro do Areal, como chamava-se o Monte Castelo, já existia o grupo de Leonardo na Liberdade, Lauro no bairro da Ivar Saldanha e o de Canuto na Vila Passos. A respeito dos concursos, os grupos de zabumba não participavam, porque naquela época não existia concursos realmente, cada um fazia o que podia como podia para apresentar seu grupo.

A tradição de ir a Capela de São Pedro é oficial. Agora dizer quando começou, só mesmo aquelas pessoas que trabalhavam na organização há muito tempo. A promessa de Laurentino era para São João, pois além de ser católico era devoto do Santo. (JANSEN, 2008, p. 238)

Esse é um relato de uma senhora envolvida com o Folclore e que herdou o bumba boi de Laurentino, após o falecimento do proprietário, o próprio senhor Laurentino. Nele vemos que as festas aconteciam em poucos lugares, o que difere de hoje, pois temos arraiais espalhados por toda a cidade, seja os organizados pelo poder público (governo e prefeitura), seja os organizados por empresas privadas, tem também os que são organizados por paróquias e os particulares, aonde a comunidade se organiza e prepara tudo, desde de decoração, comidas,

sonorização e brincadeiras que irão se apresentar. Esses são tradicionalmente os espaços da festa, no entanto, considerando que nos últimos dois anos estivemos em um espaço chamado de “lugar virtual”, cabe nesse artigo definir o que seria um lugar e um não lugar. Buscamos em Augé(1994) os conceitos sobre o assunto.

4 Lugares e Não Lugares

O Carnaval e o São João são as maiores representações da cultura popular do Maranhão e essas festas, enquanto espaços de sociabilidade, possibilitam que as pessoas se reconheçam enquanto seres humanos, numa relação em que conseguem se identificar uns com os outros, criar vínculos e sentimentos de pertencimento nos lugares que acontecem. Visto isso, entendemos que as festas são lugares que constituem uma espécie de busca de identidade, dessa forma, essas festas evidenciam os lugares antropológicos, estes que são definidos por Marc Augé (1994) como simbolizado, identitário, relacional e histórico, uma vez que são nos "lugares antropológicos", que se praticam as relações de sociabilidade

O autor usa o termo Lugar Antropológico para designar ao que se refere como uma “construção concreta e simbólica do espaço” (AUGÉ, 1994, p.51), que tem como características possibilitar a construção de relações sociais entre os indivíduos daquele local e ainda possibilita a criação de laços históricos com a sociedade. O Lugar se completa pelas narrativas constituídas, pelas experiências individuais e coletivas que ali são construídas, pelo compartilhamento de significados acerca do lugar e dos próprios sujeitos que inscrevem suas marcas, isto é, como sujeito se insere no mundo, seja através da linguagem, das práticas comunicacionais ou de suas caminhadas pelas cidades.

Ademais, o Lugar está relacionado com a questão da alteridade (ou da identidade) e à do espaço, “é porque os processos de simbolização colocados em prática pelos grupos sociais deviam compreender e controlar o espaço para se compreenderem e se organizarem a si mesmos”. (AUGÉ, 1994, p. 158).

As festas juninas e carnavalescas, portanto, são práticas sociais discursivas, nas quais se tecem os saberes acerca do mundo e se apresentam como lugares antropológicos, cujas práticas comunicacionais, criam-se vínculos e constroem-se como espaços simbolizados e identitários.

Por outro lado, o autor relata que as transformações do mundo contemporâneo, a partir do processo de globalização, com a popularização das comunicações via dispositivos informacionais e em rede, além da explosão da facilidade de deslocamento ao redor do globo com o surgimento de novos lugares, tornando esses sujeitos em trânsito permanente,

caracterizado como “sobremodernidade”, marcada pelo excesso de informação, de imagem e de individualismo. Assim, é neste cenário que nasce a ideia de Não Lugar, segundo Marc Augé

[...] na medida em que o não lugar é o negativo do lugar, torna-se de fato necessário admitir que o desenvolvimento dos espaços da circulação, da comunicação e do consumo é um traço empírico pertinente da nossa contemporaneidade, que esses espaços são menos simbólicos do que codificados, assegurando neles toda uma sinalética e todo um conjunto de mensagens específicas (através de monitores, de vozes sintéticas) na circulação dos transeuntes e dos passageiros (AUGÉ, 2006, p. 115).

São Não Lugares os aeroportos, os hotéis e os locais que não são ambientes de moradia, isto é, são locais de passagem, segundo o autor. Sendo assim, Não Lugares são impessoais e, diferente do que ocorria nos lugares tradicionais, o tempo está no presente e é deslocado, são lugares onde os sujeitos não estabelecem nenhum tipo de vínculo relacional enquanto os ocupam. Nesse sentido, quando falamos em Não Lugares nos referimos aos lugares construídos pela globalização, podemos ver nos estudos de Marc Augé que “O não lugar é o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espectáculo” (AUGÉ, 1994b, p. 167)

Todavia, diante do cenário pandêmico do novo coronavírus iniciado no ano de 2020 e a necessidade do isolamento social que inviabilizou a realização física das festas juninas, exigindo que fossem realizadas novas alternativas como *lives* para que não deixassem passar momentos religiosos e culturais importantes como a própria festa junina. Assim, o ciberespaço é o mundo social que ocorre na “rede”. E tendo em vista que as sensações e experiências vividas no espaço virtual existem de fato, são também espaços das conexões, da interatividade onde o isolamento dá lugar à comunicação, uma vez que é a prática que faz o lugar.

Sendo assim, a definição de sociabilidade é também um auxílio à compreensão da característica do ciberespaço e, apesar de serem considerados locais de passagem, neste espaço aconteceram representações das festas juninas, não sendo possível afirmar que são desprovidos de significados. Portanto, nossa pesquisa buscou entender essas novas configurações das festas nos lugares virtuais.

5 Lugares Virtuais

Com a globalização e com o advento da tecnologia, novos lugares aparecem, é o exemplo dos lugares virtuais, onde a noção de lugar e tempo diferem dos caracterizados nos lugares reais, mas que ainda passam pelo processo de significação, uma vez que, segundo Alan Mocellim (2009), essa noção é ambígua e contraditória, as distâncias não são mais barreiras, nos permitindo estar em um mesmo lugar e em muitos, tudo ao mesmo tempo.

Os lugares virtuais são como os lugares reais, tradicionais ou lugares antropológicos, como define Marc Augé (1994), e possuem quase as mesmas características, sendo identificados pelas relações pessoais e afetivas, pelas produções de sentido compartilhado e a possibilidade de identificação com esses lugares, gerando um sentimento de pertencimento. É o que afirma (Mocellim, 2009) quanto ao lugar tradicional ao dizer que

Estes lugares são caracterizados por serem altamente identitários. Uma pessoa que nasce num lugar tradicional, ou antropológico como disse Augé, tem sua vida demarcada pelo território. O espaço habitado e as relações sociais se interrelacionam, são quase indissociáveis. Esse lugar – antropológico, relacional, tradicional, ou histórico – delimita culturalmente uma identidade, e um conjunto de relações sociais. Essas garantem que ao lugar esteja ligada uma certa estabilidade, seja na forma com a qual é encarada a localidade, seja nos costumes e hábitos de seus habitantes.

O que vai diferir no lugar virtual é o espaço, agora informacional ou ciberespaço, permitindo a criação de comunidades virtuais e interação com seus integrantes. Assim, costumes, tradições e padrões culturais que antes se limitavam a um espaço físico e real agora circulam amplamente no ciberespaço, permitindo que festas e celebrações tradicionais sejam resgatadas e divulgadas, conceito que Mocellim vai denominar de ciber-sociabilidade.

Dessa forma, diante do contexto da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2 as festividades tradicionais do Brasil e, principalmente do Maranhão, como o São João tiveram que se adaptar para essa nova realidade. No ano de 2020, a celebração que ocorre no mês de junho aconteceu por intermédio de lives na rede social Instagram e na plataforma Youtube, uma forma de trazer a tradição para aqueles que a vivenciam. Não só para os espectadores, mas, principalmente, para aqueles que tem suas vidas marcadas pela construção de ideologias que o lugar carrega. São aqueles que vivenciam o São João não apenas no mês de junho, mas que tem a festividade como modo de vida, desde a infância, e participam de todo o processo comunicacional que os constroem enquanto sujeitos, uma vez que os indivíduos já nascem em lugares com discursos em andamento.

É o que Eni Orlandi (2013) vai falar em seu estudo sobre análise de discurso, que a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Dessa forma, não há sujeito sem ideologia e nem discurso sem sujeito. Em outras palavras, se todos são socializados da mesma maneira é normal adquirir por meio da cultura uma série de informações consolidadas socialmente, neste caso, ter o São João como estilo de vida e criar relações afetivas com este. Além disso, para Muniz Sodré (2007) é por meio da comunicação que ocorre o processo de vinculação social, onde o indivíduo, através da afetação, se relaciona com o outro – sendo este, algo ou alguém – e se constitui enquanto sujeito.

Assim, a utilização dessas plataformas e de novos dispositivos de comunicação podem se configurar, segundo Lévy (apud Mocellim, 2009), como formas de usar as infraestruturas existentes e explorar seus recursos por meio de uma inventividade permitindo, portanto, que essas comunidades experienciem as festas como comunidades virtuais. Para ele,

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem de coerção. Apesar de 'não presente', essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. (LÉVY, 1996, p.20)

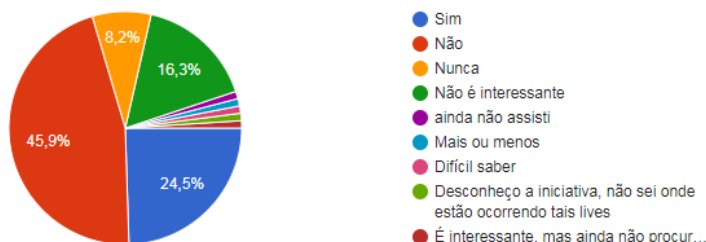
É possível, portanto, relacionar as festividades online do São João do Maranhão com as comunidades virtuais e, conseqüentemente, com os lugares virtuais. São grupos reunidos por interesses em comum, pelo laço afetivo e que fazem parte de tradições e costumes herdados e repassados, mas que, pelo contexto atual, não se limitam a um espaço físico real para manifestar seus interesses, buscando outros meios que possam vivenciá-lo. É por isso que, ainda que tenha passado por um processo de desterritorialização, esse espaço que emerge da internet pode ser caracterizado como um lugar, viabilizando conexões sociais reais.

6 Achados de Pesquisa

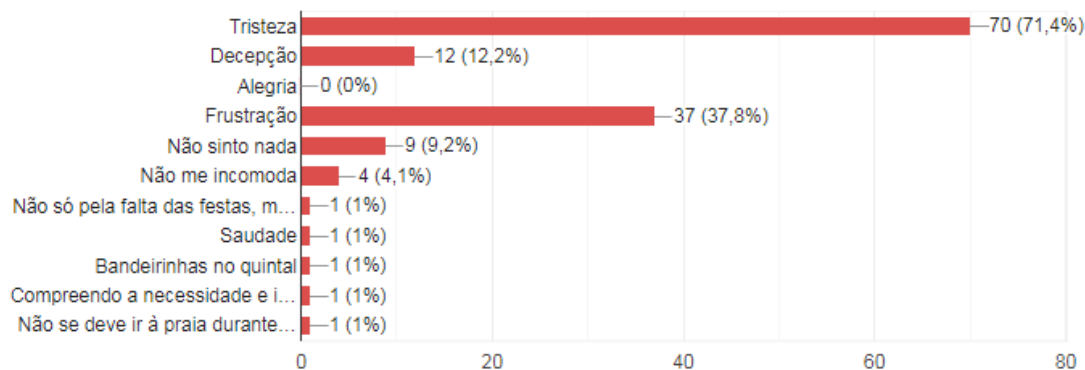
Mesmo entendendo que o ciberespaço é um mundo social, onde as pessoas se encontram e se definem conforme uma comunidade que interage e que são lugares relacionais onde existe a prática de grupos sociais, o que se constatou na pesquisa que realizamos na semana em que se comemora o dia de São João, de 20 a 25 de junho de 20 . A pesquisa foi realizada através de formulários no Google e usamos uma amostra não – probabilística.

Na amostra não – probabilística a inferência estatística não pode ser legítima, uma vez que o pesquisador não conhece a probabilidade que cada unidade tem de ser selecionada para fazer parte da amostra. Neste caso, a amostra é dita significativa ou de representatividade social (não-estatística), e os métodos de tratamento dos dados são qualitativos. (LOPES, 2005, p.145)

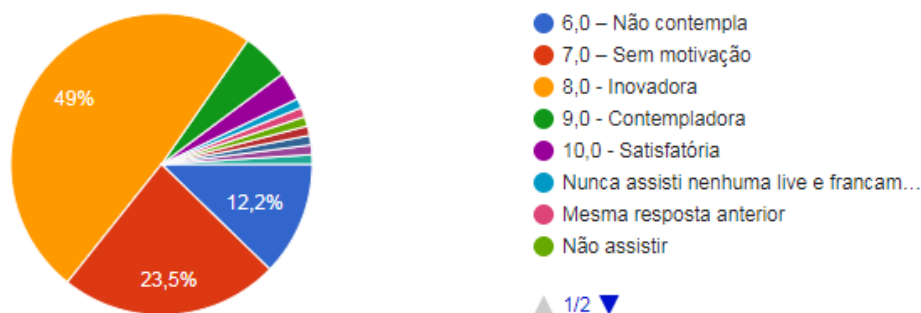
Recebemos um total de 98 respostas onde ficou claro que, mesmo assistindo as lives e apresentações dos grupos folclóricos via tecnologia, quando falamos na festa, as pessoas dão preferência para os espaços tradicionais, pois do total pesquisado: 48% respondeu que sim, assistiu as apresentações de forma remota, 38,8% não assistiu e os outros percentuais se dividiram em: várias, nunca e não tinha informação. Quando perguntamos se o São João online está de alguma forma satisfazendo o desejo de participar da festa, as respostas foram



O que se vê é que a maioria, apesar de ter assistido às lives, continuou sentindo o desejo de estar nos espaços da festa e participar presencialmente desse momento. Outra questão que também demonstra que os espaços tradicionais fazem parte da constituição do imaginário coletivo das festas, está demonstrada na questão perguntada sobre o centro histórico, local de efervescência nos dias das festas de São João no Maranhão. Aqui a pergunta foi o que eles sentiam quando passavam pelo local e viam totalmente vazio



Tristeza, frustração e decepção foram as maiores respostas nessa questão. Ainda sobre o fato das pessoas preferirem os espaços tradicionais e tudo o que constitui esse espaço, pode-se ver na resposta da questão sobre a decoração. Foi perguntado se elas decoravam e preparavam a casa para assistir as lives. As maiores respostas foram: assisto como outra live porque não estou no arraial com 31,6% e assisto como outra live só pra curtir com 51,6%. Vale ressaltar que na pesquisa, quando perguntamos se as lives eram importantes para aqueles que faziam parte das brincadeiras do folclore maranhense, a maioria respondeu que sim, pois consideram que alguns rituais dos grupos folclóricos devem permanecer, como os batizados do bumba boi. E finalmente, foi solicitado uma nota para as festas de forma virtual e o resultado foi o seguinte:



Em nossa análise dos dados da pesquisa que trata sobre a espacialidade da festa do São João do Maranhão entende-se que, não se trata somente de decoração do espaço ou mesmo de constituir um local para isso, é a preparação de uma festa que contagia e que por isso, pode-se até mesmo afirmar que é um rito de contágio que se fundamenta na transmissão de algo, seja material ou sobrenatural. O que vemos nas festas do São João, é que a espacialidade que compõe as festas contagia pelo sobrenatural que envolve o período e transforma o clima e as circunstâncias dos espaços que abrigam a festa. As questões espaciais que compõem o São João do Maranhão são uma parte do todo que faz com que a festa aconteça e que nos expressam o que há de mais significativo para a cultura de um povo.

7 Conclusão

Finalizando esse artigo coloca-se que nossa ideia aqui é apresentar os novos lugares para onde as festas populares migraram nesse período de pandemia. Foi importante para o trabalho trazer conceitos de espaço, lugar, não-lugar e lugares virtuais, para que se entenda a utilização de cada termo. Ao final dessa fundamentação sobre esses conceitos compreende-se que mesmo de forma virtual, mas esses locais são considerados lugares – virtuais porque concentram e reúnem pessoas com afinidades e proximidades identitárias.

No entanto, o que se percebe é que, mesmo podendo estar juntos, assistindo às apresentações folclóricas, ouvir as músicas típicas e pontuar o momento - Festa do São João, para o maranhense, a questão do espaço físico, do arraial, ainda é muito importante. Junto com isso, sabe-se que todos estão sentindo falta também do abraço, do aconchego humano e do presencial, porém o que se constata é que as questões espaciais vão para além disso, porque traz uma questão histórica que remete até para um sobrenatural. E a santificação do espaço do trabalhador rural, são nossas heranças que, mesmo muitos não fazendo tais ligações, acabam refletindo isso quando senti essa necessidade, de ir para aquele local e celebrar uma data importante.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto. “A pesquisa norte-americana”. In: HOHLFELDT, Antonio. MARTINO, Luiz C. FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação. Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994

AUGÉ, Marc. **Para que vivemos?** 1ª edição francesa. Lisboa, 90 Graus, 2006

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

CARNEIRO, Edison. **Folguedos tradicionais**: Rio de Janeiro, FUNARTE/INF, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: História, taxinomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas juninas, festas de São João**: origens, tradições e história. São Paulo: Casa do Editor, 2002.

MACHADO, João José de Sousa. João José de Sousa Machado (1920). In: MARANHÃO. Fundação Cultural. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. **Memória de Velhos. Depoimentos**: Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís/MA: LITHOGRAF, 1999

MOCELLIM, Alan. **Lugares, Não-Lugares, Lugares Virtuais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 6 - n. 3 janeiro-julho/2009 ISSN 1806-5023

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2013

SODRÉ, Muniz. **Sobre a episteme comunicacional**. Revista Matrizes. N. 1 outubro 2007.